

## Entrevista de António Vitorino: o balanço da adesão de Portugal às Comunidades Europeias (Lisboa, 24 Outubro 2007)

**Source:** Interview d'António Vitorino / ANTÓNIO VITORINO, Miriam Mateus, prise de vue : François Fabert.- Lisbonne: CVCE [Prod.], 24.10.2007. CVCE, Sanem. - VIDEO (00:02:16, Couleur, Son original).

**Copyright:** Transcription Centre Virtuel de la Connaissance sur l'Europe (CVCE)  
All rights of reproduction, of public communication, of adaptation, of distribution or of dissemination via Internet, internal network or any other means are strictly reserved in all countries.  
Consult the legal notice and the terms and conditions of use regarding this site.

**URL:**

[http://www.cvce.eu/obj/entrevista\\_de\\_antonio\\_vitorino\\_o\\_balanco\\_da\\_adexao\\_de\\_portugal\\_as\\_comunidades\\_europeias\\_lisboa\\_24\\_outubro\\_2007-pt-5e11c5d7-66dd-41c5-8217-1857b1561258.html](http://www.cvce.eu/obj/entrevista_de_antonio_vitorino_o_balanco_da_adexao_de_portugal_as_comunidades_europeias_lisboa_24_outubro_2007-pt-5e11c5d7-66dd-41c5-8217-1857b1561258.html)



**Last updated:** 04/07/2016

## Entrevista de António Vitorino: o balanço da adesão de Portugal às Comunidades Europeias (Lisboa, 24 Outubro 2007)

[Miriam Mateus] E quais foram, na sua opinião, as vantagens e os inconvenientes da adesão de Portugal às Comunidades?

[António Vitorino] Em qualquer processo deste género, há sempre notas positivas e notas negativas, agora o balanço global é extraordinariamente positivo. O país de hoje não tem o mesmo rosto do país de há 20 anos. E a tendência que as pessoas têm é pensarem nas infra-estruturas, designadamente nas auto-estradas, essa é a face visível. Mas há uma face subterrânea muito mais importante. A adesão de Portugal às Comunidades Europeias foi um choque de cosmopolitismo e esse choque de cosmopolitismo foi positivo, tanto para a sociedade civil como para a administração pública, como para as próprias autarquias locais. Foi preciso conviver com exigências, dinâmicas, realidades que, vindo de fora, constituíram um desafio à nossa capacidade de adaptação e de transformação e acho que do ponto de vista global o país teve resultados muito positivos. E naqueles sectores onde os resultados não terão sido tão positivos, eu creio que a responsabilidade é menos de participarmos num projecto europeu e a responsabilidade é mais do próprio Estado Português de não ter feito as reformas que eram necessárias para responder a esses desafios.

Há sectores mais beneficiados do que outros, obviamente, há sectores como por exemplo a agricultura onde nem sempre a Política Agrícola Comum tem correspondido aquilo que é o essencial das produções agrícolas mediterrânicas e corresponde a um modelo de cereais, carne e leite que tem menos a ver com a realidade efectiva da agricultura portuguesa; se quiser, no domínio das pescas há alguns constrangimentos decorrentes das preocupações legítimas de preservação das espécies piscícolas, têm-se confrontado com incompreensões e dificuldades do sector das pescas português. Mas, como lhe digo, eu dei estes dois exemplos que me parecem ser verdadeiros mas pontuais porque o balanço global é extraordinariamente positivo, em termos de coesão, de desenvolvimento das infra-estruturas, de modernização da administração e de incentivo à própria modernização da sociedade civil num contexto europeu.